

Mocidade Cristã

Ano XVI

Janeiro a Março de 1954

Número 62

Resposta á Oração

Há mais de cem anos, no norte da Inglaterra, morava um homem humilde e pobre, mas piedoso, numa casinha isolada perto dum bosque. Era casado, com 3 ou 4 filhos. Ganhava sua vida como carroceiro. Uma légua distante dêle morava um fazendeiro bem conhecido como avaro, e recebeu um apelido que pode ser traduzido como «Seguro-demais». Este homem era solteiro e empregava uma mulher como cozinheira e um homem como criado pessoal, que moravam em casa com êle.

Nosso carroceiro era muito pobre, e às vèzes seus fregueses se esqueciam de pagar pelo serviço que êle lhes prestava.

Num sábadô o pobre homem chegou em casa à tarde sem dinheiro e sem comida para a ceia ou para o Domingo. A mulher e filhos esperavam-no ansiosamente, porque não tinham nada em casa para comer. Quando êle chegou com mãos vazias, a mulher e crianças começaram a chorar. O carroceiro não podia suportar ver a sua querida família a chorar, e saiu sob o luar, entrou no bosque, e ali, pondo-se de joelhos, lançou seus cuidados sôbre o Senhor. Continuou muito tempo em oração, e sentiu-se tão aliviado que começou a louvar a Deus com alegria. Depois de algum tempo, voltou à sua casa. Achou a porta aberta e a lua brilhando dentro da casa. A mulher ficou assentada com a cabeça na mesa, e as crianças em redor dela no chão, tôdas dormindo, após terem chorado bastante. Mas, entre elas e a porta,

estava um tamborete, e em cima dêle dois grandes pães e um bom pedaço de carne. O homem esfregou os olhos para certificar-se que não estava sonhando. Acordou a mulher e perguntou-lhe como haviam chegado a carne e o pão ali. A mulher achou a presença dêste mantimento tão misteriosa quanto êle. Ela disse que antes de dormir não havia nada ali, e não podia imaginar como chegara a comida. Não levou muito tempo, porém, para aproveitar a bênção que Deus enviara. Jantaram bem e restou bastante até segunda-feira. O carroceiro, no Domingo, foi agradecer ao pastor, mas êste não mandara nada. Indagou dos amigos, mas em vão: ninguém na vizinhança sabia informar sôbre o acontecimento.

Onze anos passaram e o sr. «Seguro-demais» faleceu. Depois do entêrro, num ajuntamento dos vizinhos, foi discutida a avareza do defunto e concordaram que nunca fizera na vida um ato de misericórdia a qualquer pessoa. A criada estêve presente e disse que ela se lembrou dum bom ato que seu patrão fizera havia onze anos, e contou o seguinte incidente.

«Meu patrão era tão desprezado e zombado pela sua avareza que êle resolveu provar que não era tão duro como os vizinhos diziam. Por isso, arranjou uma festa em casa e convidou vários vizinhos para participar do banquete. Escolheu um sábadô para a festa e, de manhã, foi à vila de Wooler, onde funcionava um mercado naquele dia, afim de convidar seus vizinhos. Para evitar uma cagoada, demorou até quase o fim da

feira para convidar o pessoal. Veio, porém, uma tempestade com chuva, e o avarento abrigou-se até passar. Quando saiu, descobriu que os vizinhos, antecipando a tempestade, já haviam regressado, e ficou tarde demais para os convites! Mas já comprara os mantimentos para a festa! Chegou à casa muito aborrecido por ter gasto tanto dinheiro à toa. Até a hora de dormir ficou como um «urso com cabeça ferida». Depois de deitar-se algum tempo levantou-se e chamou-me e seu criado, dizendo: «Tenho uma idéia doida na cabeça que não me deixa dormir: É que dois destes pães e um pouco desta carne devem ser levados ao carroceiro que mora perto do Bosque de Barmoor.» Então mandou o criado preparar sua carroça e levar o pão e carne para lá. Mas antes de sair, meu patrão disse-nos: «Este fato deve ser guardado em segredo. Se os vizinhos ouvissem deste caso, eu seria caçoado e zombado sem fim. Por isso, se um de vocês divulgar o fato, será despachado de meu serviço.» O criado foi e, chegando à casa do carroceiro, achou todos a dormir, e pensando que o serviço seria melhor feito assim, não acordou a mulher e crianças. Ele colocou o presente num tamborete e foi-se embora, sem fazer qualquer barulho ou alguém saber. Voltando à fazenda, achou o patrão à sua espera e contou-lhe o que fizera. O patrão ficou satisfeito porque ninguém soube do caso. No dia seguinte chamou-nos outra vez, obrigando-nos a jurar que nunca divulgaríamos o segredo.» A criada acrescentou que, visto que o patrão morrera, sentiu-se livre do juramento.

A Santa Ceia

Há trinta anos uma inovação na celebração da Santa Ceia foi introduzi-

da na Igreja Presbiteriana — o «cáliz individual». Encontrou muita resistência e causou certas divisões nas igrejas locais, e depois uma denominação foi formada chamada «Igreja Presbiteriana do Cáliz Comum». Agora esta inovação está espalhada e introduzida em outras igrejas. De vez em quando os irmãos nos perguntam acerca de nossa opinião neste assunto. Por isso propomos apresentar os argumentos dos dois lados, em favor do «cáliz comum» e do «cáliz individual».

Os partidários do «cáliz individual» apresentam as seguintes razões: —

(1) É mais higiênico; (2) Alguns participantes têm nojo de beber dum cáliz comum; (3) A maneira de distribuir o vinho não tem importância; (4) Tem sido costume passar dois ou quatro copos onde a congregação é grande, que transgride já o princípio do «cáliz comum». Se houver quatro, pode haver igualmente quarenta ou mais.

Do outro lado os partidários do «cáliz comum» afirmam que: (1) É costume antigo, inaugurado pelo Senhor; (2) Vinho não transmite micróbios; (3) Beber do mesmo cáliz é ato de mais íntima comunhão; (4) As Escrituras falam somente de UM cáliz, uma dúzia de vezes, e nunca no plural.

Devemos admitir que os quatro argumentos dos dois lados são razoáveis. Devemos acrescentar que preferimos o cáliz comum e achamos que os argumentos em favor deste modo são mais fortes. Por exemplo, concordamos que o vinho não transmite micróbios e assim o argumento numero (1), em favor do cáliz individual, é fraco. Quando a questão primeiramente surgiu entre os Presbiterianos, um dos mais distintos e dotados dos seus pastores, Sr. Álvaro

Reis, escreveu que juntara os restos do vinho que ficou dos copos da sagrada comunhão, pondo-os numa garrafa arrolhada, guardou-a num lugar sombrio e úmido por três semanas, e então pediu a um amigo que solicitasse do preparador da Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro, o especial obséquio de cuidadosamente examinar aquele líquido e informar quais as bactérias nêle encontradas. Logo que soube que se tratava de vinho alcoólico, recusou-se imediatamente a fazer qualquer exame, porque asseverou ser impossível a permanência de qualquer bactéria em tal vinho.

Mas, não consideremos a questão de importância fundamental. Consideremos a mudança do antigo modo para o novo, como uma concessão aos fracos. Às vezes é necessário escolhermos entre dois males. É melhor escolher o menor. Neste caso é maior mal quando, em vez de se lembrarem do Senhor e do Seu sangue vertido, simbolizado pelo vinho, os participantes pensam somente em micróbios. Numa congregação de cem ou centenas de participantes, é impossível passar entre todos um cálix, e dois, quatro ou mais copos são usados, e o princípio do «cálix comum» acaba-se parcialmente, deixando apenas o aspecto de comunhão mais íntima, uns bebendo do mesmo copo como os irmãos mais próximos. As Escrituras, porém, não mencionam este aspecto, embora era praticado necessariamente, com UM só copo. Se houver quatro ou quarenta copos com vinho, durante as ações de graças, o irmão que pede a bênção do Senhor forçosamente cai numa contradição, dizendo «êste cálix» quando há diversos. Esta dificuldade, porém, pode ser evitada por ter uma vasilha com o vinho para representar «o Cálix» durante as ações de graças e, depois,

pode ser despejado em dois copos ou quarenta copinhos, conforme o número dos participantes. Mas, despejar o vinho em dois copos ou quatro copos na mesa é serviço simples, feito num instante. Despejar o vinho em quarenta ou cem copinhos é outra coisa, e temos «dó» do irmão nomeado para este serviço. Ele «serve mesas» e seus pensamentos são concentrados no serviço, contando o número dos participantes, ansioso para não omitir ninguém. Deve haver um irmão espiritual para este serviço? Não terá tempo para meditar na significação do rito, mas somente no material.

Com respeito ao pão, as Escrituras são muito claras. O ensino de I Cor. 10 parece ser ignorado por muitas denominações. Celebram a Santa Ceia, mas não crêem no «Partir do Pão», nem o observam. O pão para a Santa Ceia chega à mesa já partido. I Cor. 10 nos ensina que o pão representa o corpo de Cristo (Sua Igreja) e que simboliza a unidade dos participantes e da Igreja. O pão já partido antes da bênção é uma figura de divisão.

Há vinte e cinco anos visitamos a Ilha de Madeira, e fomos convidados a voltar. Voltamos para passar algum tempo ali sob a condição que mostrássemos comunhão com as três congregações que existiam na Ilha, Metodistas, Presbiterianos e uma nova denominação congregacional. Num Domingo, depois de participar da Santa Ceia numa das congregações, pensávamos em fazer um discurso sobre a significação de UM PÃO como ensinado no capítulo dez de 1º Coríntios, e mostrar a unidade dos crentes em Cristo. Descobrimos, porém, que o pão chegou à mesa já partido, e escolhemos outro assunto. Mas o pão dividido era apta figura das condições entre os crentes na

Ilha, onde o Evangelho fôra primeiramente introduzido pelo Dr Kalley (que depois da perseguição na Ilha, veio para o Brasil).

A SANTA CEIA é: —

- (1) Uma lembrança do Senhor e da Sua morte;
- (2) Um ato de comunhão com o Senhor;
- (3) Um ato que simboliza a comunhão e unidade do Corpo de Cristo, a Igreja;
- (4) Um anúncio da morte do Salvador ao mundo;
- (5) Um incentivo à santidade da vida para os participantes;
- (6) Uma oportunidade para adoração.

Muitos teólogos protestantes ensinam que a Santa Ceia é «um meio de graça»; outros confundem o rito com o ensino do Senhor Jesus no capítulo 6 de João. Pela frase «meio de graça», certos teólogos ensinam que o crente carnal recebe bênção ou «graça», e até os descrentes recebem alguma «graça». O Apóstolo Paulo, ao contrário, ensina que tais recebem condenação. Os crentes devem ir à Santa Ceia mas como pessoas que cheguem para oferecer sacrifícios — «o fruto dos lábios». Recebemos «graça» ou bênção na proporção que demos ao Senhor nosso louvor. Participar da Ceia não muda a posição espiritual dum crente, embora traz uma responsabilidade para proceder de acôrdo, como ensinado em 1 Cor. 11.

Não comemos espiritualmente o corpo nem bebemos espiritualmente o sangue de Jesus, durante a Santa Ceia. Somente aquêles que já fizeram isto têm o direito de participar da Ceia. O Evangelho de João, que ensina este aspecto da verdade, não

menção a Santa Ceia, e não devemos confundir figuras bíblicas.

W. Anglin

Hinologia

Desejamos escrever um artigo sobre HINOLOGIA e depois contar histórias relacionadas com alguns de nossos hinos.

Se o leitor tiver um livro de música de hinos, como «Cantor Cristão», por exemplo, que contenha o índice dos escritores dos hinos e de compositores das músicas, descobrirá que 25% dos escritores têm nomes portugueses, mas apenas 2% dos compositores são portugueses ou brasileiros. A maior parte dos outros nomes nas listas, são de origem inglesa (os americanos tendo nomes ingleses). Esta circunstância é devida ao fato que Portugal e Brasil foram primeiramente evangelizados por missionários da Inglaterra ou da América do Norte. Eles não acharam músicas nacionais próprias para evangelização ou para culto, e conhecendo bastantes músicas de origem inglesa ou americana, traduziram seus hinos, e eram obrigados a empregar a mesma metrificação dos originais, a fim de aproveitar as músicas dêles.

Este fato tem tido um efeito esquisito na hinologia portuguesa e brasileira. A poesia destes dois países tem uma índole diferente do caráter da poesia inglesa. Esta diferença pode ser observada se comparamos os «Hinos Nacionais» da Inglaterra e do Brasil. (A metrificação do primeiro é igual ao hino 504 de Hinos e Cânticos.) A metrificação dum hino deve conformar-se com a acentuação musical. Na Inglaterra, Alemanha, ou América do Norte, os hinos são escritos primeiro e a música compos-

ta depois com acentuação de acôrdo. Quando os missionários serviram-se das músicas estrangeiras, foram obrigados a escrever os hinos de acôrdo com a música e não conforme às idéias da poesia portuguesa ou brasileira. Hoje em dia alguns brasileiros queixam-se dêste defeito. Têm certa razão, mas é tarde demais, porque o povo já aprendeu e ama as músicas estrangeiras. No futuro os irmãos que se queixam contra nossos hinos, podem remediar o caso por comporem músicas e escrever hinos de caráter verdadeiramente nacional.

Os portugueses e brasileiros têm amor extraordinário à música e dom para aprender e cantar hinos, além da capacidade dos ingleses em geral. O povo da roça neste país, até os analfabetos, aprendem músicas com mais facilidade do que o povo em geral na Inglaterra (excetuando talvez Gales). Não somente aprendem rapidamente, mas há poucas congregações que não tenham um ou dois irmãos que podem ensinar a cantar em quatro vozes; um dom muito mais raro na Inglaterra. Por esta razão parece um mistério não haver também mais compositores de música neste país. Será que estão satisfeitos com as músicas estrangeiras e não querem entrar em concorrência?

Infelizmente muitos escritores, tanto estrangeiros como nacionais, não tiveram suficiente cuidado com a metrificação para fazê-la conformar com o ritmo do original e com a acentuação musical, que é sempre de acôrdo. O resultado é que os hinários precisaram ser corrigidos mais tarde. É uma tarefa difícil. As mesmas músicas de hinos que cantamos no Brasil, são cantadas em todo o mundo onde o Evangelho tem entrado, seja na Europa, Ásia, África ou América.

Os três hinários mais populares são SALMOS E HINOS, CANTOR CRISTÃO e HINOS E CÂNTICOS. O último tem sido severamente corrigido, e o segundo parcialmente, mas o livro que precisa de mais correção é SALMOS E HINOS, que contém mil erros de métrica (!) entre outros defeitos. É o mais velho e provavelmente o mais usado. Julgávamos que os compiladores, pastôres, e cantores mais educados almejassem o dia quando a edição se esgotasse para corrigi-lo dos seus defeitos. Uma edição saiu corrigida, mas ouvimos que os cantores eram como se diz de Efraim, «entregue aos ídolos». Esta é uma atitude difícil de entender. O povo educado de Portugal e do Brasil é caprichoso com respeito à sua língua e repara erros de gramática, mas prefere continuar com seus mil erros de métrica e quantidades falsas, a querer torturar as músicas bonitas a fim de cantar com metrificação atrapalhada! Se os compositores das músicas pudessem ouvir suas composições cantadas por uma congregação brasileira, seria difícil dizer se ririam ou se chorariam. Segundo os prefácios das edições publicadas mais recentemente, o povo que usa o livro prefere seus «ídolos», seus erros, suas quantidades falsas: e seus ensinadores concordam em que deve ter tudo que deseja. É como uma escola onde reina anarquia. Os alunos votam que a desordem deve continuar nas aulas e os professores concordam. Admitem que é ruim, mas embora haja muitos defeitos na escola, dizem: «Não nos compete corrigi-los».

Por que é que os pastôres da Igreja no Brasil admitem que devem obedecer às suas ovelhas quando estas querem entrar em pastos ruins, e dizem que lhes não compete dirigi-las para pastos melhores? É uma tragédia no aprisco evangélico.

Consideremos agora o que é essencial num hino. Deve conter ao menos estas sete qualificações:—

- (1) O «espírito de poesia»;
- (2) Doutrina sã;
- (3) Metrificação correta;
- (4) Conformidade com as regras de poesia e gramática portuguesas;
- (5) Pensamentos claros em linguagem a mais simples possível;
- (6) Uma mensagem bíblica;
- (7) Deve conter verdades que impressionem os cantores e leitores.

A Música

Deve conformar em sua acentuação com a metrificação de cada sílaba do hino. Deve ser também apropriada aos pensamentos do hino em seu compasso e som, para salientar as palavras. A expressão da música deve ser de acôrdo com a expressão das palavras.

A um hino, às vèzes, falta o «espírito de poesia», isto é, o sabor de poesia, mas pode ser um hino muito útil. Para evangelização, por exemplo, a fim de salientar certos pensamentos ou palavras, às vèzes é necessário sacrificar o sabor de poesia. Nos hinos de culto, os pensamentos poéticos são mais apreciados, como nos Salmos de Davi.

Os hinos ingleses que têm sido traduzidos, não contêm erros métricos. Os escritores bem sabiam que precisavam evitar cuidadosamente um erro de metrificação, porque seria considerado feio e não aceitável para qualquer hinário. Sabiam, também, que a música havia de acentuar o erro. Em hinos portugueses, metrificação correta é ainda mais importante, porque há mais variação entre sílabas tônicas e leves, a diferença sendo mais acentuada em português do que em inglês. Há muito mais

palavras em português que terminam com vogais, e a maior parte destas últimas sílabas têm som muito leve, de tal modo que em Portugal não se ouvem muitas delas, embora os portugueses afirmem que são pronunciadas como «suspiros abafados»! Mas em alguns dos nossos hinos tais «suspiros» têm de ser fortemente acentuados, quando cantados. Tomemos um caso entre centenas: «Na cida-DI de Deus» e «Com bonda-DI perdoa» (S&H 387).

Os cantores criticam cacofonias, ainda que sejam de caráter inocente, e os compiladores dos hinários se sentem obrigados a eliminá-las à primeira oportunidade. Temos lido, porém, hinos nos quais a acentuação converte um verbo futuro em pretérito mais que perfeito. Por exemplo lemos um hino no qual o crente «cantára no céu» em vez de «cantará no céu».

Não temos o dom de profeta, mas aventuramos esta profecia: o dia chegará na história da Igreja Evangélica do Brasil quando os editôres de hinários e os pastôres das ovelhas do rebanho cristão, da geração futura, hão de criticar severamente a loucura dos seus antecessores, por não terem aproveitado a oportunidade de corrigir os erros dos hinos evangélicos.

Três Classes de Hinos

Podemos dividir nossos hinos em três classes.

A primeira classe representa a tradução feita o mais literalmente possível do hino original.

A segunda classe é mais comum, e representa os hinos que contêm os mesmos pensamentos mas variam do original. Há hinos que são mais lindos do que o original, mas são poucos.

A terceira classe são hinos originais em pensamentos e palavras.

Em quase tôdas estas classes os escritores têm seguido a metrificação da música que queriam adotar. Há poucas exceções. O sr. H.M. Wright escreveu, ao menos, dois hinos numa metrificação original e compôs a música, embora não tocasse qualquer instrumento (êle informou ao escritor destas linhas).

Um caso é o hino do sr. Ricardo Holden, H & C número 545. É uma metrificação de *q.q.q.q*; tôdas as linhas terminam com sílaba fraca, ao modo português. O resultado foi que durante 40 anos ficou sem música própria. Foi preciso adaptar a êle uma música inglêsa a fim de ser cantado. Depois o sr. E. P. Ellis compôs a linda música para êle, agora tão popular.

Há certos hinos que têm sido traduzidos diversas vêzes, como H&C números 29, 123, e 482.

A música dos hinos «protestantes» é uma grande atração para o povo, e a igreja católica receia que os «fiéis» aprendam a música e as palavras. Há porém certas músicas antigas que são comuns aos católicos e evangélicos, como por exemplo a música «ADESTE FIDELES». Esta música é atribuída erradamente ao Rei João IV de Portugal, em Salmos e Hinos. Existia, porém, no ano 1571 (33 anos antes do nascimento dêste rei) e foi copiada dum manuscrito por um padre na Inglaterra. No hinário H&C há quatro hinos escritos para serem cantados com a música «Adeste Fideles», números 22, 75, 560 & 567, todos escritos pelo sr. Ricardo Holden.

Esperamos contar umas histórias acêrca de vários hinos nos próximos números de Mocidade Cristã.

W. Anglin

Perguntas e Respostas

Pergunta 1. Acêrca das sepulturas no tempo de Cristo.

Resposta: A maneira de enterrar os defuntos no tempo de Cristo era a mesma de hoje; é explicada em Lucas 11:44. Era em covas cavadas na terra.

Somente poucos ricos tinham sepulturas cavadas na face dum barranco ou pedra. Lemos em Mat. 27: 57 que José de Arimatéia era rico e possuía uma sepultura nova. Isaías 53:9 significa que os homens tencionaram sepultar o «Servo» de Jeová com os ímpios, mas a profecia diz que Êle estava «com o rico na Sua morte». Era costume enterrar um homem crucificado no buraco onde fôra fincada a cruz na qual sofrera. Tanto os inimigos como os amigos de Cristo cumpriram as profecias acêrca d'Êle, sem pensarem que faziam isto.

Uma História Tocante

Uma missionária da China conta uma história tocante duma pobre mulher chinêsa. Esta foi trazida ao hospital evangélico para tratar duma doença incurável. Era ignorante quanto a seu perigo físico e ainda mais quanto à grande salvação. A enfermeira contou-lhe a velha história de Jesus e Seu amor. Era nova e maravilhosa à mente da pobre pagã. Ela creu imediatamente as boas novas e recebeu a salvação da alma. Então ficou ansiosa de visitar suas amigas e contar-lhes a mensagem do amor do Salvador. E disse à enfermeira:

«Pode a senhora perguntar aos médicos, quando eu estarei melhor?»

«Os médicos dizem que devemos dizer-lhe a verdade, a senhora não vai ficar melhor.»

«Peço-lhe o favor de perguntar-lhes, quanto tempo ainda viverei?»

Recebeu a resposta: «Três meses com cuidado e conforto».

«E quanto tempo viverei, se voltar à minha casa com esta bendita mensagem do Céu?»

«Possivelmente, três semanas.»

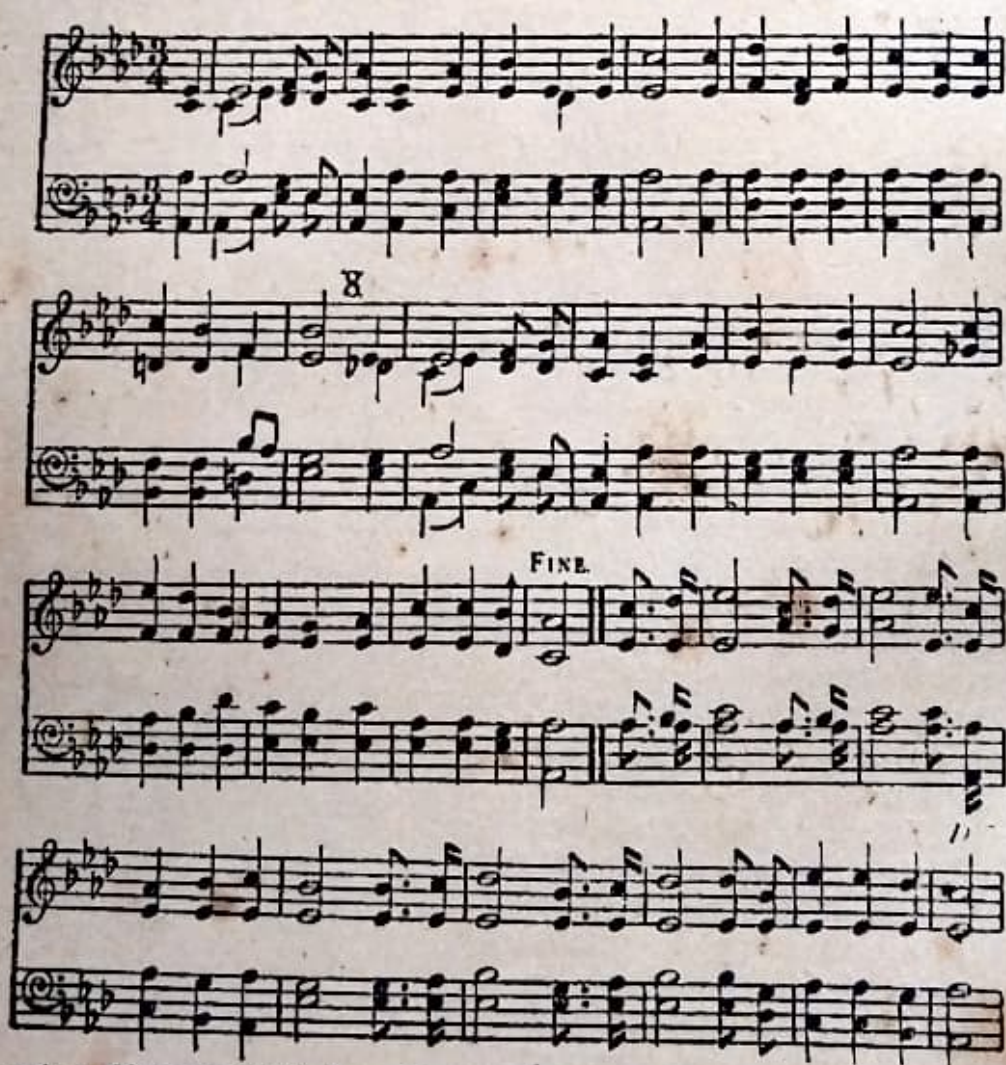
Quando recebeu esta resposta a

mulher exclamou: «Traga-me meus vestidos, sairei hoje.»

Quando as enfermeiras quiseram impedi-la, ela disse: «Pensam que eu considero a perda de poucas semanas de vida importante, quando tenho tão boas novas para contar a meu povo, que nunca ouviu do Salvador?»

A Deus seja Glória!

Música: W. H. Doane



A Deus seja a glória por Cristo Jesus, [cruz,
Que deu-nos Seu Filho a morrer sobre a
Pois tanto este mundo perdido Ele amou,
Jesus Sua vida por nós entregou.

CORO.

Exultai! exultai!

Vós, os filhos de Deus!

Alegrai! alegrai!

Todos vós que sois Seus.

Oh! vinde à presença de Deus vosso Pai,
Em nome de Cristo Jesus adoral.

Oh! quanto devemos ao nosso Senhor
Por todas as bênçãos do Seu grande amor,
E pelas promessas que vamos gozar
Mais bênçãos eternas em Seu santo lar.

W. Anglin

Toda a correspondência deve ser dirigida ao Sr. W.
Anglin, Caixa 35, CARANGOLA, Minas, Brasil.

Casa Editora Evangélica, Teresópolis, E. do Rio
Editor responsável José Ferreira de Andrade